

# MUSEU DA PESSOA

## História

### Um grande coração pequeno

História de: [JOSÉ WELLINGTON BATISTA DE OLIVEIRA](#)

Autor: [JOSÉ WELLINGTON BATISTA DE OLIVEIRA](#)

Publicado em: 25/07/2013

### Sinopse

Nada fazemos por acaso, tudo é obra do divino, acredito plenamente que Deus me colocou no destino deste senhor naquele dia, e não pensei duas vezes para ajuda-lo. Olha a obra de Deus com é grande, hoje mas uma vez tenho a oportunidade de contar um fato veritico, para todos ecetistas e familiares como devemos ajuda as pessoas sem pensar em algo de troca ou interesses, a forma correta de ajudar algem é fazer de CORAÇÃO. José Wellington Batista de Oliveira OESP/GASOP - CTCE/FLA/DR/CE Mat. 8.178.348-5 josew@correios.com.br Telefone: (85) 3278-1176

### Tags

- [Correios 350 anos](#)
- [Correios](#)

### História completa

Já completei 27 anos de trabalho nos Correios. Comecei na entrega como carteiro, depois carteiro motorizado e atendente comercial. Atualmente sou OESP aqui em Fortaleza, Ceará, e já passei por muitas situações marcantes. Uma delas eu sempre recordo, com carinho. É que essa lembrança sempre me motiva a tentar ser um sujeito melhor. Um dia cheguei mais cedo ao trabalho como de costume – meu horário de entrada era às 8:30. E cheguei cedo sem motivo algum. Será que era o destino tramando? O monitor do setor telegráfico Lavosier Jales veio esbaforido na minha direção: - Wellington, estamos com um problema e só você pode nos ajudar. Acabamos de receber um telegrama de falecimento. E a entrega é urgente, pois o enterro é em Aracoiaba, interior do Ceará, hoje de tarde. Prontamente peguei minha moto e fui entregar aquele telegrama. Já tinha entregue muitos telegramas de condolências, mas esse era o primeiro de falecimento que entregava. Não é uma tarefa agradável, devo dizer. Cheguei ao destino e era uma casa bem humilde. Assim que chamei, fui recebido por um velhinho, com mais de 70 anos. - Bom dia! Sou carteiro e tenho um telegrama para o senhor Francisco. - Diga, meu filho. Sou eu mesmo. Nesse instante, eu que já estava meio constrangido em entregar aquele telegrama por já saber do que se tratava, fiquei ainda mais quando constatei que o destinatário era uma pessoa tão idosa e que morava sozinho. Mas eu tinha de fazer a entrega: - Senhor Francisco, daria para assinar aqui. - Mas eu não sei escrever e nem ler, meu filho. Agora sim, estava preocupado. O velhinho começou a me perguntar sobre quem tinha mandado o telegrama e o que estava escrito. - Olha, meu senhor, eu não sei o que está escrito. Só sei que foi enviado de Aracoiaba. - Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! Disse o velhinho. Eu já não sabia mais o que fazer. Deixei o telegrama com o velhinho e já estava de saída, sentindo-me aliviado por ele não ter pedido que eu lesse o conteúdo. Foi então que o velhinho me pegou: - Filho, o que eu vou fazer? Não sei ler e não tenho quem leia para mim. Você não poderia fazer esse favor? Por alguns segundos fiquei pensando no pior: e se o velhinho não aguentasse a notícia? Caisse fulminado ali na minha frente. Bem, o melhor era ir com calma. - Seu Francisco, o senhor tem alguém doente na sua família? - Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! Tenho a minha irmã! A minha situação se complicava cada vez mais. - Pois é, seu Francisco, sua irmã estava muito doente e veio a falecer de ontem para hoje. - Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! Minha irmã, única irmã... E o velhinho desandou a chorar. Ponha-se no meu lugar e imagine como eu estava. Preocupado por ele ser muito velho e não ter ninguém para ajudá-lo. Fiquei por um tempo tentando consolar o seu Francisco, mas já estava na minha hora. Tinha de ir embora. Me despedi, achando que tinha contornado o problema, mas... - Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! Como vou viajar, filho? Não tenho dinheiro. Esse atingiu definitivamente meu coração. Perguntei a ele quanto era a passagem, ele me disse o valor e fui checar na minha carteira. Por incrível que pareça, o valor que eu tinha coincidia exatamente com o que era necessário – esse destino e suas tramas. O velhinho me agradeceu. Então fui embora, liso, mas feliz por ter ajudado. Quando retornei aos Correios e contei a história, muitos riram da situação constrangedora em que tinha me metido e de ter voltado sem um caramungá no bolso. Outros reconheceram meu gesto nobre. E eu fiquei pensando comigo mesmo: será que um coração, mesmo pequeno, atingido por uma pessoa tão doce, pura e sofrida pode inchar? Bem, o meu ficou grande naquela hora.